



TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO- CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano a disponibilizar gratuitamente o documento em formato digital no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA

Tese (doutorado)
Dissertação (mestrado)
Monografia (especialização)
TCC (graduação)

Produto técnico e educacional - Tipo:

Artigo científico
Capítulo de livro
Livro
Trabalho apresentado em evento

Nome completo do autor: ¹ Izabella de Jesus Silva

² Dr. Bruno Silva de Oliveira

Matrícula: 2018205221351008

Título do trabalho: AS CONTRIBUIÇÕES DO CONTO DE
FADAS O PATINHO FEIO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL.

RESTRIÇÕES DE ACESSO AO DOCUMENTO

NÃO

Documento confidencial: Não Sim, justifique:

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: 15 / 12 /2022.

O documento está sujeito a registro de patente? Sim Não

O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

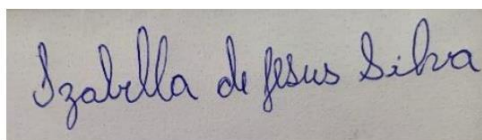
¹ Acadêmica do 8º período do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Polo Aragarças sob a orientação do professor Dr. Bruno Silva de Oliveira.

² Dr. Bruno Silva de Oliveira

O(a) referido(a) autor(a) declara:

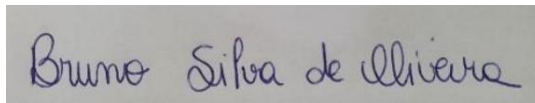
- Que o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- Que obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autoria, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- Que cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Local Aragarças- Goiás 15 /12
/2022



Assinatura do autor e/ou detentor dos direitos autorais

Ciente e de acordo: SIM



Assinatura do(a) orientador(a)



ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CURSO

Ao(s) 10 (dez) dia(s) do mês de novembro de dois mil e vinte e dois, às 20 (vinte) horas, reuniu-se a banca examinadora composta pelos docentes: Dr. Bruno Silva de Oliveira (orientador), Dra. Andréia de Oliveira Alencar Iguma (membro), Dra. Jamille da Silva Santos (membro), para examinar o Trabalho de Curso intitulado “AS CONTRIBUIÇÕES DO CONTO DE FADAS O PATINHO FEIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL” do(a) estudante Izabella de Jesus Silva, Matrícula nº 2018205221351008 do Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica na Modalidade a Distância. A palavra foi concedida ao(a) estudante para a apresentação oral do TC, houve arguição do(a) candidato pelos membros da banca examinadora. Após tal etapa, a banca examinadora decidiu pela APROVAÇÃO do(a) estudante. Ao final da sessão pública de defesa foi lavrada a presente ata que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Bruno Silva de Oliveira - Orientador/Presidente da Banca

Dra. Andréia de Oliveira Alencar Iguma - Membro

Dra. Jamille da Silva Santos - Membro

Izabella de Jesus Silva - Acadêmico

AS CONTRIBUIÇÕES DO CONTO DE FADAS O PATINHO FEIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Izabella de Jesus Silva¹

RESUMO: O Artigo mostra uma contribuição sobre a obra “O patinho feio”, de Hans Christian Andersen na educação infantil. O conto será estudado a partir de uma análise comparativa buscando a utilização para exemplificar a aceitação e o respeito das diferenças. O trabalho com a diversidade em todos os seus aspectos, o respeito as diferenças e aceitação do diferente e do fora dos ditos padrões normais deve ser iniciado desde cedo, torna-se relevante e necessário para que com isso a criança possa aprender a lidar, a refletir e a aceitar pontos que se referem a discriminação racial e a diversidade étnica. O artigo foi realizado por meio de pesquisa básica, pesquisa bibliográfica e método comparativo. A partir deste breve estudo, concluímos que ler, narrar histórias e ouvir contos de fadas não são ações passivas, mas formas que oferecem inúmeras oportunidades de trabalho com crianças na educação infantil. Nesse sentido é importante destacar que a literatura usa a imaginação para demonstrar a verdade.

Palavras-Chave: Conto de Fadas. Literatura Infantil. O patinho feio.

ABSTRACT: The article shows a contribution on the work “The ugly duckling”, by Hans Christian Andersen in early childhood education. The tale will be studied from a comparative analysis looking for the use to exemplify the acceptance and respect of differences. Working with diversity in all its aspects, respecting differences and accepting what is different and outside the so-called normal standards must be started from an early age, it becomes relevant and necessary so that the child can learn to deal with it, to reflect and accept points that refer to racial discrimination and ethnic diversity. The article was carried out through basic research, bibliographic research and comparative method. From this brief study, we conclude that reading, telling stories and listening to fairy tales are not passive actions, but forms that offer countless opportunities to work with children in early childhood education. In this sense, it is important to highlight that literature uses imagination to demonstrate the truth.

Keywords: Fairy tale; Children's literature; The ugly duck.

1 INTRODUÇÃO

A educação ao longo dos tempos vem modificando-se e buscando adequar-se à atual realidade que estamos vivenciando. Muitos pontos já foram deixados para traz e novas metodologias e didáticas veem sendo incorporadoras dentro da seara educacional. Temas que antes não faziam parte do currículo, hoje já se fazem presentes e precisam ser trabalhados desde as séries iniciais. Um desses temas refere-se à pluralidade cultural existente em nosso país. Sabemos que o Brasil é um país formado por diversos povos, com diferentes culturas, tradições e religiões que precisam ser conhecidas, valorizadas e respeitadas.

O Brasil é um país formado por negros, índios, latinos, espanhóis, italianos, portugueses, entre outros. Dessa forma, temos uma miscigenação muito grande e, conseqüentemente, abordar

¹ Acadêmica do 8º período do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Polo Aragarças sob a orientação do professor Dr. Bruno Silva de Oliveira.

e trabalhar essa pluralidade cultural no processo de ensino aprendizagem significa mostrar aos alunos as diversas culturas e diferenças existentes entre os povos, bem como também trabalhar uma conscientização e sensibilização sobre os problemas que as mais diversas formas de preconceito e discriminação podem acarretar para a vida de uma pessoa em virtude da não aceitação das diferenças e da pluralidade cultural.

Assim, este artigo visa abordar tópicos como o respeito e a aceitação das diferenças por meio do conto “O Patinho Feio”, de Hans Christian Andersen, uma narrativa na qual o autor aborda o sentimento de rejeição por parte dos irmãos do Patinho Feio por esse ser diferente dos demais. No conto, Andersen retrata que todos possuem uma beleza nata, independentemente de estar dentro do que muitos ditam como normal, e, que cada um pode ser feliz e deve ser aceito de acordo com as suas diferenças e peculiaridades. Sendo essencial que todos sejam capazes de aceitar as diferenças, não sendo necessário mudar para se encaixar em qualquer ambiente.

A literatura infantil, neste caso, o conto de Hans Christian Andersen, “O Patinho Feio”, será utilizado para exemplificar a aceitação e respeito das diferenças. O trabalho com a diversidade em todos os seus aspectos, o respeito as diferenças e aceitação do diferente e do fora dos ditos padrões normais deve ser iniciado desde cedo, torna-se relevante e necessário para que com isso a criança possa aprender a lidar, a refletir e a aceitar pontos que se referem a discriminação racial e a diversidade étnica. Por meio desse trabalho de sensibilização, o docente deve conseguir estimular os valores e comportamentos de respeito e solidariedade com as demais culturas diferentes da nossa.

Abordar a temática da diversidade estética e o respeito às diferenças dentro do ambiente escolar com as crianças, principalmente as da educação infantil é muito importante, pois é, nessa fase, que além de desenvolver as habilidades básicas de andar, falar e simbolizar. É, nesse momento, que elas começam a construir vínculos, descobrir sua identidade, desenvolver sua autoestima, detectar as diferenças que existem entre elas e os demais colegas, passando a construir assim autoestima.

No período da educação infantil, a criança desenvolve e constrói suas bases de relação consigo própria e com os demais ao seu redor, trabalha a aceitação e o respeito às diferenças. Neste momento, é essencial ajudar a criança a não desenvolver comportamentos racistas e preconceituosos aos que na sua visão são “diferentes” dela.

Este estudo norteia-se sobre refletir acerca do respeito mútuo entre as crianças na sala de aula da Educação Infantil através da utilização da literatura infantil, o objetivo geral deste artigo é apresentar a importância de trabalhar o respeito à diversidade na educação infantil por meio do conto o Patinho Feio de Hans Christian Andersen. E, como objetivo específico, delineamos conceituar a relevância do processo literário no desenvolvimento do respeito e aceitação das diferenças e particularidades de cada um através do conto o Patinho Feio e compreender a importância de se trabalhar os contos de fadas na educação infantil. Por meio de uma revisão bibliográfica acerca do que já foi pesquisado sobre o tema.

2 CONCEITO DE CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas constituem-se de narrativas curtas cujas histórias giram em torno de uma temática central e cujo objetivo é transmitir conhecimentos e valores culturais de uma geração a outra. São também uma variação do conto popular (ou fábula). Por meio da leitura de um conto de fadas, a criança pode desenvolver o pensamento e a reflexão, bem como construir um novo mundo, em uma realidade imaginada e só sua, que é rica de significados pessoais e que podem ser observados pelo professor e este orientá-la, de modo que sejam atingidos os objetivos pretendidos com a sua proposta no ambiente escolar.

No que se refere aos contos de fadas, a criança torna-se capaz de atribuir significados diferentes aos objetos; desenvolve sua capacidade de abstração e começa a agir diferente do que vê, mudando sua percepção sobre referidos valores, tais como o respeito, aceitação das diferenças e particularidades de cada um.

Segundo Maria Auricélia Lima da Silva, em *A importância dos contos de fadas na educação infantil* (2017), os contos de fadas fascinam porque são maravilhosamente transmitidos por meio de tradição oral, de forma transgeracional, ou seja, de uma geração à outra, em momentos mágicos de encontro das infâncias, da infância de uma criança com a infância de um adulto que foi criança, são histórias que são contadas e recontadas ao longo de nossas vidas. Histórias que nos ajudam a lidar e vivenciar situações desagradáveis e difíceis que encontramos ao longo da vida, buscando no imaginário soluções para os problemas e conflitos da vida cotidiana. São histórias imaginárias, com príncipes e princesas, elfos, duendes e fadas, em que o bem sempre vence o mal e que podem trazer uma mensagem, uma reflexão e um ensinamento

para a nossa vida cotidiana. Histórias pelas quais as mulheres mais velhas contavam as suas histórias, essas histórias caracterizavam por uma simbologia especial na educação das crianças.

De acordo com Regina Michelli, no capítulo “Contos Fantásticos e Maravilhosos” (2012), apresenta a ideia de Coelho (1991) que diz que a literatura fantasista, da qual os contos de fadas fazem parte representa o mundo maravilhoso, criado pela imaginação e, que existe fora dos limites do real e do senso comum. Nela predominam o lúdico e o jogo, em detrimento de experiências reais, a ficção e o extraordinário, sobre o real e a lógica comum, a opção por personagens animais, a ficção científica entre outras opções.

Os contos de fadas “surgiram” na França no fim do século XVII sob iniciativa de Charles Perrault. Ao contrário do que se possa ser pensado, Perrault não criou as narrativas de seus contos, mas as transcreveu da oralidade para que elas se adequassem à audiência da corte do rei Luiz XIV (1638 – 1715). Foram as narrativas contadas pelos camponeses, governantas e serviçais que forneceram a matéria-prima para os contos transcritos. (FARIAS, RUBIO, 2012)

A Literatura Infantil, como gênero literário, só seria amplamente difundida posteriormente, nas pesquisas linguísticas realizadas na Alemanha pelos Irmãos Grimm (Jacob e Wilhelm). Eles, influenciados pelo ideário cristão que já dominava o pensamento da época, fizeram diversas alterações no enredo de alguns contos, já que esses muitas vezes apresentavam aspectos polêmicos com episódios de violência ou maldade, envolvendo, inclusive, crianças. Exemplo disso é a narrativa de Chapeuzinho Vermelho que na versão de Charles Perrault, quando ainda não havia a preocupação em adaptar os contos recolhidos da tradição oral, não existia a figura do Caçador (figura que surge para salvar a menina e sua avó de um possível final trágico). Chapeuzinho Vermelho ficava nua, deitava-se com o lobo e morria devorada por ele. Em outra versão, a menina era enganada pelo lobo que a induzia a comer a própria avó cozida, além de beber seu sangue servido em uma taça de vinho. Portanto, é notório que a história que conhecemos na atualidade é bem diferente do original.

Com o passar dos tempos, os contos de fadas passaram a ser voltada para as crianças, que através das quais as pessoas mais idosas procuravam educar os pequenos com histórias, buscando através do imaginário trazer para a realidade das crianças atitudes e ações que poderiam contribuir para o crescimento e desenvolvimento pessoal de cada uma.

O que atrai nos contos de fadas é a facilidade de compreensão e a sua estrutura composta por personagens que reforçam comportamentos tidos como bons e por personagens com

comportamentos encarados como maus, o que ajuda e facilita a compreensão das crianças. As versões dos contos de fadas atuais trazem mais significação e compreensão para as crianças, pois fazem uso de problemas reais e o final sempre feliz, facilitando assim a identificação da criança com as histórias.

Dessa forma, podemos inferir que uma das essências do conto de fadas é o de abstrair conceitos formadores de caráter, uma vez que estabelece relação entre bem/mal, certo/errado, que seus valores são respeito, bondade, justiça, amizade, amor, franqueza, humildade, diferença. Valores estes que podem contribuir na formação moral da criança partir do momento em que a reflexão em relação aos contos de fadas, vai de encontro à distinção das atitudes das personagens e construindo as suas próprias, alicerçando sua formação moral.

Bruno Bettelheim, em *A psicanálise dos contos de fadas* (2008), coloca que:

Os contos de fadas são ímpares, não só como forma de literatura, mas como obras de arte integralmente compreensíveis para a criança como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucede com toda grande obra de arte, o significado mais profundo do conto de fada será diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fada, dependendo de seus interesses e necessidades do momento. (BETTELHEIM, 2008, p. 20)

Nesse sentido, podemos inferir que os contos de fadas podem ser fundamentais para as crianças entenderem o momento que elas estão passando para, então, poderem encontrar respostas para seus conflitos. Essas histórias podem ser muito importantes para a formação da identidade delas ao passo que essas narrativas as auxiliam na compreensão da realidade, subsidiando lhes modelos os quais facilitam o entendimento do mundo adulto.

3 O CONTO DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2017), a literatura infantil na figura das leituras surge como facilitadora, aprimorando sua compreensão da linguagem verbal. Neste sentido, Laura Sandroni e Luiz Raul Machado, em sua obra *A Criança e o Livro* (1998), afirmam que a leitura deve ser um hábito, deve ser também uma fonte de prazer, e nunca uma atividade obrigatória, cercada de ameaças e castigos encarados como uma imposição do mundo adulto.

Nesse sentido, a leitura dos contos de fadas na Educação Infantil é uma estratégia muito importante e essencial que contribui muito para o processo de ensino aprendizagem e

desenvolvimento das crianças, pois permitem que as crianças visualizem novos horizontes, tudo que ela escuta fica guardado e floresce quando você menos espera. Tudo que fica guardado, floresce quando menos esperamos, sendo expresso por meio de palavras novas, ou, por exemplo, contribuindo dessa forma para o seu desenvolvimento cognitivo.

Levi Vigotski, em *Imaginação e Criação da Infância* (2009), coloca que a imaginação é toda ação ou experiência anterior que o cérebro conserva e reelabora como atividade criadora, ou seja, toda atividade criada a partir da capacidade de combinações de nosso cérebro.

Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica. Nesse sentido, necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia. (VIGOTSKI, 2009, p.14)

Sendo assim, proporcionar bons livros na educação infantil favorece o desenvolvimento cognitivo das crianças, estimulando a criatividade, a imaginação, o poder de argumentação. Enfim, o gosto pela leitura. Os contos de fadas são muito importantes para abrir e ampliar horizontes delas. No entanto, para que esse crescimento seja efetivado é necessário que surja um encantamento com a história, que estimule a criatividade e a fantasia (BASTOS, 2015).

4 CONCEITO DE BELO E FEIO

Beleza em Burke é o oposto de belo. Para ele, beleza está relacionada com belo, suavidade, clareza de cor elegância e graça. Em vez disso, majestade significa grandeza, terror, escuridão, solidão, silêncio - tudo o que pode acordar a nostalgia da dor e do perigo. Diferente de Sublime, a Beleza de Burke é o que fascina.

Para Burke, sentimentos nobres podem ser expressos através da estética apenas quando vêm dela. Isso é dor e felicidade. Qualquer coisa que seja de alguma forma capaz de excitar ideias de dor e perigo, isto é, qualquer coisa que seja de alguma forma terrível, ou ligada a objetos terríveis. No entanto, atos assimilados ao terrorismo constituem uma fonte de antissemitismo. O autor mostra que o sublime "produz a emoção mais forte de que o fantasma é adequado" (BURKE, 1993, p. 48).

Para Eco (2014), a beleza é definida pela forma como a aperceber-se, analisando a consciência de quem expressa um juízo de gosto. Para o autor “Lindo é algo que nos aparece como tal, que notamos, que está associado aos sentidos, ao agradecimento de um prazer é uma ideia dominante em diferentes ambientes filosóficos” (ECOAR, 2014, p. 275-277). O autor acredita que o sublime é o que constrói a emoção mais forte perceptível ao espírito e, como o Belo, também predomina nos círculos filosóficos.

Schopenhauer (2003), outro pensador que tenta definir o Belo e o Sublime, argumenta que no bonito prevalece o conhecimento puro sem resistência. Facilita o conhecimento da beleza de um objeto, das ideias subjacentes à expressão do que é considerado belo apenas por sua composição. Conseqüentemente, é invisível à consciência que se conserva como objeto de compreensão mesmo sem a memória da vontade.

A vontade, segundo Schopenhauer, é o único componente constante e imutável da alma. É isso que a torna consistente e harmonioso. É a essência do ser humano. É um princípio fundamental da natureza independente de representação não sujeito a razoabilidade e critério. Assim, por outro lado, sublime, em contraste com lindo, supera o estado de conhecimento puro principalmente através da liberação forçada da relação do objeto com a vontade. Tais relações são reconhecidas como desfavoráveis, pois não exigem uma elevação livre e consciente acima da vontade e do conhecimento a ela juntar de novo.

O Belo é harmônico, o Sublime pode ser disforme, disforme, caótico. A felicidade de um, a dor de outro, a felicidade de outro. Para o autor os julgamentos podem estar ligados mais ao deleite do que ao conhecimento do objeto em si, pois o belo está sempre relacionado ao objeto sensível, enquanto o sublime se assemelha à razão. “O Sublime difere do Belo por evocar uma perturbação filosófica associada a um misto de dor e prazer” (JIMENES, 1999, p. 136).

Desta forma, é significativo ressaltar que o conceito de Belo na Arte é muito contestado, cujo reconhecimento carece da ideia de beleza universal, ou seja, supõe um acordo entre o artista e o telespectador no qual o artista tenta para criar harmonia entre a imaginação e a compreensão. Isso é o que Deleuze chama de juízo de gosto. Mostrando o acordo na plateia a harmonia de duas universidades: imaginação e compreensão. Se o juízo de gosto difere da tendência, é porque distribui certas necessidades. Para o autor retira do entendimento, portanto, sua legalidade, mas essa legalidade não surge aqui em conceitos específicos. “A universalidade do juízo de gosto é a

universalidade do juízo de felicidade. Isso é singular e permanece sem conceito” (DELEUZE, 1963, p. 2).

Karl Marx (apud Eco, 2015a) discutirá a relação entre o belo e o feio. Mas do ponto de vista oposto ao de Hume. Discordando de visões individualistas Ele dirá que o dinheiro com seu presente maravilhoso e completo. Pode transformar o feio em algo bonito. Para ele, o que sou e o que posso não é efetivamente determinado por mim, como uma qualidade inerente ao meu ser, mas por condições externas: quanto dinheiro tenho na carteira. Mas essa visão material negligencia o fato de que a estética física está relacionada a conceitos morais. Não importa quanto dinheiro você tenha para deletar vestígios de cadáveres defeituosos. A ascensão social não tem a capacidade de remover vestígios do corpo (negro, indígena, homo).

Repetir ainda está discutindo sobre beleza e não feia. Segundo ele, “nós consideramos bonito, gracioso, atraente, admirável [...]. Feio, repugnante, terrível, repugnante, desagradável, grotesco” (Eco, 2015b: 19). O sábio ativa o conteúdo dos adjetivos para "Definir feiura":

Todas as feiuras são iguais? Segundo Kant (1978, p.40), “apenas um tipo de feiura não pode ser representado de acordo com a natureza sem arruinar todo o prazer estético e, portanto, a beleza artística: a saber, aquela que desperta nojo”. Assim, o que no mundo da vida não tem linguagem, mas uma reação orgânica (nojo), seria também uma impossibilidade de representação. A vida fora do quadro da representação, fora da linguagem é possível? Se algo me aliena na vida real e se, ao imaginá-lo representado - em qualquer arte - persiste a aversão essa coisa não pode ser personificada, ou seja, não pode estar presente em sua ausência, portanto, não pode ser personificada presente. Assim, diferentemente de Aristóteles, que defendia que era possível alcançar a beleza simulando com maestria o repelente, Kant dirá que, no mundo da interpretação, há limites e impossibilidades para embelezar um objeto.

Contudo se há o "feio em si", há também o "belo em si", aquilo que não precisa de um conceito, ou seja, de uma linguagem. A cultura seria dispensada para evocar em mim surpresa sem qualquer anseio de propriedade. Como a beleza das flores. Mas a palavra ' flor ' já parece desencadear o conceito. Esses sentimentos universais e consistentes não existem fora da realidade conceitual.

5 ANÁLISE DO CONTO O PATINHO FEIO.

No conto do Patinho Feio mostra vários pontos a serem reparados um deles é o bullying, o desprezo que o patinho sofria por causa da sua aparência, sofria tanto que o próprio patinho tinha vergonha de si mesmo.

Todos obedeceram. Mas os outros patos que estavam por lá olhavam para eles e diziam, alto: “Vejam só! Agora vamos ter essa corja por aqui também – Como se já não bastássemos nós. Que figura é aquele patinho! Não vamos conseguir suportá-lo” (ANDERSEN, 2010, p. 192). E um dos patos imediatamente voou para cima dele e lhe bicou o pescoço. Além de sofrer agressões verbais, sofria física também como mencionado acima que os patos bicaram seu pescoço por não conseguir suportar a feiura do patinho. “Pode ser, mas é tão desajeitado e estranho” disse o pato que o bicara. “Simplesmente vai ter de ser expulso”. (ANDERSEN, 2010, p. 192). “Os outros patos são muito fofos”, disse a pata antiga com fitas nas pernas “todos, menos aquele ali, que parece ter alguma coisa de errado. Só espero que você possa fazer alguma coisa para melhorá-lo”. (ANDERSEN, 2010, p. 193).

Nesse episódio foi reconhecido pontos de indiferença, tratavam bem melhor os irmãos do patinho feio por serem bonitos do que ele pela razão de ser feio. E isso acaba mostrando a população situações que acontecem em nosso dia a dia, muitas pessoas são maltratadas pela sua aparência, por não ter dinheiro, ou seja, não fazem parte do padrão da sociedade.

Mas o pobre patinho, saindo da concha uma última vez e parecendo muito feio, foi bicado, propulsionado e ridicularizado, mas também todas as outras aves. “É grande demais” (ANDERSEN, 2010, p. 193), diziam todos, e o devorador, que viera ao mundo com esporas, e realmente pensava que era o imperador, inflou como um vapor e correu em gestão ao patinho, a cabeça vermelha de fúria, e o pobre não entendia para onde ir e se percebia desvalorizado porque era muito feio e todos que moravam no complexo gargalhavam dele.

Nesse trecho vemos o quanto ele sofria humilhação por ser diferente, por ter outra raça, e mal sabia que a raça que ele pertencia o faria ficar mais bonitos e atraentes que eles todos, ele sofria muitas agressões físicas.

E assim foi todos as vidas até ficar cada vez pior. O pobre patinho foi maltratado por todos; até seus irmãos foram rudes com eles dizendo: “Ah, você é tão feio, eu quero que o gato te agarre” (ANDERSEN, 2010, p. 194), e sua mãe disse que desejava que ele nunca tivesse de

vir ao mundo. Um pato a torneira engatilha um chifre e uma garota alimentadora de pássaros o chuta.

A falta de irmandade foi agregada no conto também, os próprios irmãos zombavam dele, o patinho não tinha nem o apoio familiar, era maltratado pelos próprios irmãos e amigos, a única que no início ainda o defendia era sua mãe, e logo após passar um tempo o começou a maltratá-lo e isso foi uma das razões dele ir embora procurar um novo caminho.

Até que decidiu fugir amedrontou o passarinho no curral quando ele voou por cima do poste. "Eles me temem porque sou feio"(ANDERSEN, 2010, p. 194), costumava dizer. Então ele cerrou os olhos e continuou a voar até chegar à grande marisma onde viviam os patos silvestres. Ele ficou lá a noite toda e estava muito cansado e triste.

O próprio patinho tinha a certeza de que não havia amizade por razão da sua aparência, se sentia excluído a tinha vergonha de aparecer na frente dos demais. E isso leva a depressão, infelizmente é algo visto demais na sociedade atualmente, pessoas são deixadas de lado por não ter alguma qualidade.

Ele não entendia quem eram aqueles pássaros, ou para onde tinham saído, mas continha por eles uma comoção que nunca sentia antes por nenhum outro pássaro da natureza. Ele não tinha ciúmes desses belos bichos, mas queria ser tão bonito quanto eles. Idem feliz poder viver um pobre animal desprovido de beleza, mesmo entre os patos se eles a alentassem.

O patinho não acreditava que seria capaz de ter amizade com alguém um dia, achava que não tinha aparência para manter uma amizade, e isso o fazia desistir de se aproximar dos outros quando ele avistava.

O inverno foi ficando cada vez mais gelado; e ele tinha que brincar na água para não congelar, mas a cada noite o espaço em que ele nadava ficava cada vez menor. A água finalmente congelou da geadas até que o gelo na água rangeu enquanto ele se deslocava. E os anás têm que remar o máximo que podem para liberar espaço. Até que ele estava muito cansado tenha e sintasse impotente Como a água rapidamente se converteu em gelo.

O inverno foi o período que o patinho mais lutou por sua sobrevivência, sem apoio de ninguém ele soube passar o inverno sozinho, sem lugar para ficar, sem lugar para aquecer, sem amizade, essa luta o fez forte, não desistiu de viver, lutou até conseguir chegar em seu destino.

Até as árvores altas estavam debruçadas sobre a água quando ela apareceu, e a luz solar estava fogaosa e radiante. Então ele arrepiou as penas, arqueou o pescoço gracioso e chorou

felizmente no alto do coração: "Nunca sonhei com tanta alegria quando era um patinho feio" (ANDERSEN, 2010, p. 203).

Ao conhecer realmente seu bando, soube que ali era sua casa, os demais o aplaudiram, receberam como um novo integrante, quão diferente foi sua recepção que nem o próprio patinho acreditou, porque antes só tinha agressões quanto verbal, quanto física, jamais imaginaria que viraria um belo cisne e seria agraciado por todos que o via.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste breve estudo, concluímos que ler, narrar histórias e ouvir contos de fadas não são ações passivas, mas formas que oferecem inúmeras oportunidades de trabalho com crianças na educação infantil. O delineamento do assunto exige uma apreciação mais prudente do assunto não deixando passar despercebidas algumas comunicações contidas nas histórias sem desprezar o seu suporte de aprendizado. Uma das ferramentas fundamentais da literatura infantil pode ser o despertar nas crianças o hábito de ouvir histórias, pois é nessa fase que elas provavelmente se tornarão leitores. E com isso, não só estão garantidos os potenciais leitores, mas o que fica evidente são os infinitos trilhos que a singela ação de ler na entrega. Bruno Bettelheim afirma que a história tem um resultado terapêutica na medida em que a criança acha a solução para suas dúvidas pensando no que a história sugere sobre seus conflitos pessoais naquele momento da vida.

O conto de fadas não provê informações sobre as condições do mundo exterior, mas sobre os processos internos que acontecem no âmago do sentir e do pensar. E as crianças percebem bem a linguagem dos emblemas dos contos de fadas. São eles que formulam o jogo de faz-de-conta em seu cotidiano e tantas outras coisas que os divertem e os distraem nos momentos em que vivem entre a fantasia e a realidade. Entre tantos legados simbólicos traspassados de pais para filhos, a importância concedida à ficção no contexto familiar é certamente inestimável, pois não há infância sem literatura histórias não se assegurar felicidade ou êxito na vida, mas ajuda.

Afinal, a ficção não tem o poder de salvar o mundo, mas o enriquece, por isso é preciso algum otimismo. Ressalta-se que com a introdução da literatura infantil nas escolas ocorreu também o desenvolvimento da leitura e da autoria, pois a literatura apresenta uma linguagem conotativa, polissêmica, plurissêmica, que faz com que o aluno leia mais e crie mais. Quanto mais

o docente promover as situações de dado diante do estudante maior será sua resposta à construção literária, mesmo que cada um agente seu tempo.

Os componentes presentes na literatura infantil, e especificamente nos contos de fadas, entregam para o cenário escolar, para introduzir as crianças ao mundo real por meio da ficção por meio de analogias que aliviam a interação com suas experiências, ou seja, a literatura usa a imaginação para demonstrar a verdade.

7 REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16a Edição - PAZ E TERRA – 2002.

BURKE, Edmund. **A Philosophical Enquiry in to the Origins o four Ideas of the Sublime and Beautiful**. Ed Adam Philips. New York: Oxford, 2008.

ANDERSEN, Hans Christian. O patinho feio. **Contos de fadas: de Perraut, Grimm, Andersen & outros/apresentação Ana Maria Machado; tradução Maria Luiza X. de A. Borges**. – Rio de Janeiro; Zahar, 2010.

DELEUZE, Giles. **A filosofia crítica de Kant**. Tradução de Geminiano Franco. Lisboa/Portugal. Edição 70. 1963.

ECO, Umberto. **História da Beleza**. Trad. Eliana Aguiar. 4ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2014.

FARIAS, Francly Rennia Aguiar de. RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. **Literatura Infantil: A Contribuição dos Contos de Fadas para a Construção do Imaginário Infantil** – Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 3 – nº 1 - 2012 - disponível em <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Francly.pdf> - acesso em 11 de fevereiro de 2022.

JIMENEZ, Marc. **O que é estética?** Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Leopoldo: Unisinos, 1999.

KANT, Immanuel. **Anthropology from a pragmatic point of view**. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1978.

MICHELLI, Regina (2012). **“Contos fantásticos e maravilhosos”**. In: FILHO, José Nicolau Gregorin. (Org.). **Literatura Infantil em Gêneros**. São Paulo: Ed. Mundo Mirim. p.26-56.

SILVA, Ana Maria da. **A Importância da Leitura dos Contos de Fadas na Educação Infantil**. Disponível em <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/a-importancia-da-leitura-dos-contos-de-fadas-na-educacao->

infantil/30151#:~:text=Os%20contos%20de%20fadas%20contribuem,este%20mundo%20seria%20bem%20melhor! – acesso em 10 de fevereiro de 2022.

SILVA, Auricélia Lima da. BARROS, Rosiane Bento. NASCIMENTO, Thiago Alves Moreira. **A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL** – disponível em https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/fiped/2012/5e5468d712b760f00aa4c978d7cf43ed_479.pdf - acesso em 10 de fevereiro de 2022

SANDRONI, Laura C; MACHADO, Luís Raul – **A Criança e o livro: guia prático de estímulo à leitura**. São Paulo, Ática, 1988. 144p.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do Belo**. Trad. Jair Barbosa. São Paulo: EditoraUNESP, 2003.

VIGOTSKI, L. S., 1986 – 1934. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores**. São Paulo: Ática, 2009.